



IDENTIDADE, INTERAÇÃO E CULTURA: POSSIBILIDADES DE COLABORAÇÃO ENTRE A ANTROPOLOGIA E A TURISMOLOGIA

Renée Louise Gisele da Silva Maia¹

RESUMO

Com o objetivo de contribuir para as discussões sobre identidade e cultura a partir de perspectivas interacionais, este trabalho buscou refletir sobre as necessidades e oportunidade de colaboração entre a Antropologia e a Turismologia. Para isto, propôs dois momentos interligados de desenvolvimento. No primeiro, revisa as interfaces entre cultura, identidade e interação a partir do posicionamento de autores como Agier (2001), Bauman (2008; 2012), Barth (1969) e Hannerz (1997). No segundo momento, dialoga com Barretto (2003, 2006) ao discorrer sobre a relevância da relação entre estas duas áreas do conhecimento na contemporaneidade. Por fim, apresenta brevemente as hospedagens turísticas domiciliares como um exemplo de objeto complexo, compartilhado e profícuo para investigações de interações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: cultura, identidade, interação, Antropologia, Turismologia.

ABSTRACT

Aiming to contribute to discussions on identity and culture from interactional perspective, this study aimed to reflect on the needs and opportunities for collaboration between anthropology and Tourismology. For this proposed two interrelated moments

¹ Bolsista CAPES/DS, mestranda em Memória Social e tutora do curso de Licenciatura em Turismo oferecido pelo Consórcio CEDERJ. É Bacharel em Turismo e foi Bolsista de Monitoria e Pesquisadora voluntária em Iniciação Científica, todos pela UNIRIO. Estuda as interações como responsáveis pela transformação de processos de identificação intrinsecamente relacionados às memórias individuais e coletivas. Busca compreender as inferências do fenômeno turístico, enfocando os funcionamentos, comportamentos e dinâmicas envolvidos em estabelecimentos de hospedagem comercial domiciliar. Tem experiência em hotelaria nacional e internacional.

of development. In the first, reviews the interfaces between culture, identity and interaction from the position of authors like Agier (2001), Bauman (2008, 2012), Barth (1969) and Hannerz (1997). In the second, dialogues with Barretto (2003, 2006) to discuss the relevance of the relationship between these two areas of knowledge in contemporary society. Finally, it presents briefly Hosts tourist home as an example of complex object, shared and useful for investigations of social interactions.

KEY-WORDS: Culture; Identity; Interaction; Anthropology; Tourismology

INTRODUÇÃO

O contexto contemporâneo está marcado por aspectos como a extensão e a intensificação das mobilidades, a interação entre diferenças e a multiplicação dos referenciais socioculturais disponíveis ao indivíduo. Neste cenário, elementos como os grandes empreendimentos identitários e as novas dinâmicas nas relações entre indivíduo, coletividade, cultura e espaço, têm demandado da Antropologia revisões conceituais e reflexões na busca por uma compreensão mais rica e aprofundada de processos e cenários complexos e intrigantes.

Inserido neste contexto marcado pela mobilidade, fluidez e dinamicidade, o fenômeno turístico destaca-se enquanto importante dimensão da compressão do tempo-espaço e da aceleração dos processos globais na contemporaneidade. Ao lado dos avanços midiáticos e tecnológicos que permitem aproximações de comunicação e informação, pode-se dizer que o turismo contribui significativamente para a promoção da interação entre diferenças envolvendo, assim, questões que permeiam conceitos tais como territorialidade e pertencimento, diversidade e tolerância, identidade, patrimônio e memória.

Objetivando contribuir para uma compreensão mais aprofundada deste cenário, este trabalho teve início com uma breve revisão de algumas importantes abordagens acerca dos processos identitários e de suas interfaces com as transformações nas dinâmicas socioculturais na atualidade. Elegeu-se, em especial, autores cujas exposições abordam os processos de identificação sob uma perspectiva relacional. Dentre eles destacam-se Agier (2001), Bauman (2008; 2012), Barth (1969) e Hannerz (1997).

Em seguida, dialogando com Barretto (2003, 2006), propôs-se uma breve reflexão sobre as necessidades e possibilidades de colaboração entre a Turismologia e a Antropologia, em meio as demandas suscitadas pelas peculiaridades destes cenários contemporâneos.

Apresentou-se, ainda, a modalidade de hospedagem turística/ comercial domiciliar – e as relações de hospitalidade nela imbricadas – como um possível objeto

empírico capaz de oferecer ricas oportunidades de investigação para ambas as disciplinas aqui em destaque.

Sustentou-se, por fim, que uma abordagem antropológica do turismo pode contribuir não somente para a ampliação dos conhecimentos acadêmicos sobre o próprio fenômeno, mas também para a construção e consolidação de uma antropologia transnacional capaz de dar conta de processos fluídos, complexos e dinâmicos.

Além disso, entende-se que compreender as inferências do turismo nas dinâmicas socioculturais contemporâneas é também fundamental para a desconstrução de concepções maniqueístas que ora posicionam-no como vilão, ora como solução para todos os males. As interações parecem representar não somente objetos compartilhados por estas duas áreas do conhecimento, mas, sobretudo, elementos fundamentais para a compreensão deste cenário contemporâneo marcado por aspectos como fluidez, instabilidade e dinamismo.

Identidade, cultura e interação: algumas compreensões profícuas

Na atualidade, a expansão de mobilidades - de pessoas, informações e capital -, tem tornado as fronteiras e delimitações culturais cada vez mais difusas. Tais interações contribuem significativamente para o surgimento de distúrbios identitários como fragmentações, hibridismos e multiplicidades. Além disso, tornam cada vez menos possíveis e prováveis as associações entre os conceitos de “identidade” e “autenticidade” – enfraquecendo também pressuposições de homogeneidades culturais. Em suma, este cenário contemporâneo põe em destaque inadequações nas hipóteses de uma associação direta, fixa e coincidente entre comunidade, lugar, cultura e identidade (Ferguson e Gupta, 2000).

A característica mais preeminente do atual estágio cultural é que a produção e distribuição dos produtos culturais agora adquiriram, ou estão em vias de adquirir, grande dose de independência em relação às comunidades *institucionalizadas*, em particular às comunidades territoriais *politicamente* institucionalizadas. (BAUMAN, 2012, p.68).

Conforme exposto por Elias (1994), a crescente complexificação das estruturas sociais teria resultado na multiplicação dos referenciais socioculturais “disponíveis” e em um progressivo processo de individualização. Bauman (2008) entende que esta individualização teria sido responsável por uma espécie de “internalização” das determinações identitárias, depositando no indivíduo as responsabilidades de suas escolhas ou acionamentos. Assim, para este autor, esta individualização “consiste em transformar a ‘identidade’ humana de uma coisa ‘dada’ em uma ‘tarefa’.” (BAUMAN, 2008, p.183).

Além disso, em um cenário onde “os produtos culturais viajam livremente, sem se preocupar com fronteiras entre estados e províncias” (BAUMAN, 2012, p.68), as possibilidades de desaparecimento de particularidades através de uma homogeneização cultural global constituem temática largamente discutida. Apoiando-se em uma compreensão contextual dos processos identitários, Bauman (2008) defende que a fluidez desta contemporaneidade

[...] não significa o desaparecimento final das identidades culturais. Mas representa, sim, que elas, e a difusão de padrões e produtos culturais, mudaram de lugar – pelo menos quando comparadas com suas versões na imagem ortodoxa da cultura. Mobilidade, desarraigamento e disponibilidade/acessibilidade global dos padrões e produtos culturais constituem agora a ‘realidade primária’ da cultura; como identidades culturais distintas, só podem emergir como resultados de uma longa cadeia de ‘processos secundários’ de escolha, retenção e recombinação seletivas (os quais, o que é mais importante, não são bloqueados quando a identidade em questão de fato emerge). (BAUMAN, 2008, p.69).

Agier (2001) explica que o surgimento de uma abordagem contextual ou relacional das identidades evidenciou seu caráter processual e dinâmico, enfraquecendo paradigmas que a abordavam, predominantemente, como substância localizável ou essencial de comunidades e lugares. Ao discorrer sobre este momento de transformação nos estudos culturais, o antropólogo supracitado salienta que “a crítica do essencialismo da identidade, já realizada “do interior, pode agora ser construída partindo-se do exterior para o interior. Toda identidade, [...] é, então, múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato.” (AGIER, 2001, p.10).

Sob esta perspectiva, “a antropologia das identidades foi efetivamente constituída abordando seu objeto de maneira contextual, relacional, construtivista e situacional” (Agier, 2001, p.8-9), transpondo, de certa forma, o foco de interesse e investigação do conteúdo e das características internas das identidades, para suas fronteiras, ou seja, para o papel que as interações com o outro assumiriam na produção da diferença cultural e na manutenção ou reformulação de identidades. Segundo a abordagem relacional ou contextual, não existiria, então, uma definição puramente *introspectiva* – ou por si só - das identidades, já que estas seriam sempre (re)formuladas em relação a um determinado contexto, envolvendo “algo específico que está em jogo.” (AGIER, *ibid.*, p.9). Agier (2001) descreve, ainda, que

a coisa em jogo pode ser, por exemplo, o acesso à terra (caso em que a identidade é produzida como fundamento das territorialidades), ao mercado de trabalho (quando as identificações têm um papel de exclusão, de integração ou de privilégio hierárquico) ou às regalias externas, públicas ou privadas, turísticas ou humanitárias (e as identidades podem ser os fundamentos do reconhecimento das redes ou facções que tomam para si essas regalias). (AGIER, 2001, p.9).

Este mesmo autor defende que a abordagem contextual das identidades seria ainda mais relevante para a antropologia social em virtude do despertar nas últimas décadas para os estudos dos *grandes empreendimentos identitários* enquanto objetos empíricos em vias de substituir as antigas tribos e aldeias perdidas, consagradas pelas análises da etnologia clássica. Agier (*ibid.*) entende que tal abordagem é de grande pertinência por permitir a compreensão, não somente dos contextos, mas dos próprios processos identitários envolvidos nestes novos objetos. Em suma, a mesma possibilitaria uma análise da “fabricação sociológica da cultura”, e não somente de seus “produtos imaginários acabados”. (AGIER, *ibid.*, p.20).

Dentre os autores interessados nesta investigação dos “limites” ou “fronteiras” das identidades, destacam-se os estudos de Fredrik Barth, em especial seu conhecido texto “Os Grupos Étnicos e Suas Fronteiras”. Já no início desta explanação, Barth (1969) salienta que a ideia de que a variação cultural é descontínua fundamentou boa parte do raciocínio antropológico, persistindo até os tempos atuais “a visão simplista de

que o isolamento geográfico e social tenham sido os fatores críticos para a sustentação da diversidade cultural.” (ibid., p.187-188).

No entanto, ao negar tal concepção, o antropólogo norueguês propõe uma análise relacional da constituição e manutenção de fronteiras étnicas – de identidades étnicas –, sustentando não somente que “as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam”, mas também que “[...] as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação.” (BARTH, 1969, p.188). Tal manutenção se daria, então, por meio de “processos sociais de exclusão e de incorporação pelos quais as categorias discretas são mantidas, *apesar* das transformações na participação e na pertença no decorrer de histórias de vidas individuais.” (BARTH, 1969, p.188). A interação não seria, portanto, responsável pelo desaparecimento da diversidade. Aproximando-se destas concepções contextuais ou relacionais das identidades, Bauman (2008) entende que

as fronteiras já não são desenhadas para repelir e proteger identidades já existentes. [...] as identidades ‘comunais’ compartilhadas são subproduto do febril desenho de fronteiras. Só depois que os postos de fronteira foram cavados é que os mitos de sua antiguidade foram inventados e as recentes origens culturais e políticas da identidade foram cuidadosamente cobertas pelas histórias de sua gênese. (BAUMAN, 2008, p. 193).

Em consonância com tais colocações, Agier (2001, p.21) também sustenta que os processos de criação e transformação cultural não representam, exatamente, “um ‘fim das culturas’, mas [...] um contexto novo para a criação de sentido, a partir de uma certa dissociação entre os lugares, as identidades e as culturas.”

Neste sentido, Agier (2001) entende que os próprios processos identitários seriam responsáveis por atribuir à cultura seu caráter problemático, transformando-a como um reflexo de suas formulações, reformulações e adaptações. Ao abordar os distúrbios identitários em tempos de globalização, tal autor propõe uma crítica ao termo *identidade cultural* delimitando dinâmicas que configurariam, na realidade, *culturas identitárias*. Em tais processos, a cultura estaria sendo “utilizada” ou “instrumentalizada” no sentido de servir às reivindicações, aos discursos e às

declarações identitárias - e não originando-as como consequência natural, como seria pressuposto pela adoção do termo *identidade cultural*.

A relação entre identidade e cultura envolveria, assim, o trabalho de atores e/ou autores culturais, os quais, através de “bandeiras identitárias”, realizariam mediações entre as escalas locais e a global. Segundo Agier (2001, p.19), tal tarefa “implica competências de tradução, linguística e cultural, e de acessibilidade, por ativação de redes sociais e políticas de alcance extralocal.” Assim,

em conflitos políticos, fundiários ou urbanos, movimentos identitários (étnicos, religiosos, locais, etc.) inventam-se a si mesmos ao mesmo tempo que expõem sua “identidade cultural” como fonte de legitimação em face dos outros ou do Estado. Nesse contexto, os atores negam, por interesse ou convicção pessoal profunda, o trabalho que eles próprios operam sobre fragmentos de cultura, heterogêneos e diversamente acessíveis, para permitir que “a” cultura seja identitária. Ao exibi-la, eles produzem uma concepção museográfica da cultura material, intocável e “pura”. No entanto, sua ação favorece à dinâmica cultural. (AGIER, 2001, p.22).

Agier (2001) explica, ainda, que a forte presença da temática da identidade em esferas que variam entre o global, o local e até mesmo o individual, é decorrente de duas exacerbações contemporâneas. A primeira delas, diria respeito ao que chama de caráter reflexivo da identidade: “vivemos em meio a uma diversidade cada vez maior em termos de contatos, diferenças e disputas que colocam cada um de nós diante dos outros individualmente e sem comunidade de pertencimento fixo, exclusivo ou definitivo. (ibid., p.23).

Já a segunda, estaria relacionada ao aspecto declarativo da cultura, à sua aplicação ou instrumentalização na construção de discursos e auto-afirmação de identidades; “a cultura declarativa torna-se argumento da *declaração de identidade*. [Assim], à interrogação individual exacerbada [...] responde uma retórica coletiva igualmente exacerbada, ao fim da qual se espera que a cultura recree os fundamentos de uma comunidade.” (AGIER, 2001, p.23)

No entanto, nesta concepção da cultura como fluxo e dos processos identitários como fenômenos responsáveis por sua transformação, são necessárias análises críticas

sobre possibilidades e os limites de uso de diversos conceitos e categorias. Buscando refletir sobre as transformações culturais e identitárias na contemporaneidade, Hannerz (1997) ressalta como fundamental para o desenvolvimento de uma antropologia transnacional, a reflexão sobre o desenvolvimento, as oportunidades e os limites referentes a algumas noções largamente utilizadas nos estudos culturais. Reconhece, assim, que noções como as de fluxos, limites e híbridos “[...] são metafóricas, de certo modo provisórias, talvez um pouco imprecisas e ambíguas, e por isso mesmo sujeitas a contestações.” (HANNERZ, 1997, p.10).

Outro ponto abordado por diversos autores são os anseios e inseguranças resultantes de uma multiplicidade ímpar de referenciais socioculturais. Assim como Agier (2001)², Bauman (2008) também aborda as transformações nas dinâmicas e concepções dos processos identitários no que ele descreve como uma transição entre uma *modernidade sólida* e uma *modernidade líquida*. Para ele, o processo de individualização – característico da modernidade – seria responsável por uma espécie de “internalização” das definições identitárias: enquanto na modernidade sólida os questionamentos do indivíduo estariam relacionados às formas ou aos caminhos ideais para atingir um fim relativamente conhecido, na modernidade líquida, o próprio destino desta projeção seria incerto, sendo origem de inseguranças e incertezas.

O sociólogo polonês descreve, assim, um indivíduo perdido na crescente liquidez de uma modernidade contemporânea marcada pela mobilidade, pela fluidez e pela multiplicidade de referenciais socioculturais passíveis de acionamento. Entende que as inseguranças e os medos observados nestes indivíduos seriam resultado das incertezas provenientes da difusão de caminhos possíveis (possibilidades de escolha identitária) sendo, também, responsáveis pela intensa busca por formas diversificadas de identificação. Nesse sentido, o sociólogo polonês explica que, enquanto a identidade pessoal seria responsável por conferir significado ao “eu”,

² “[...] os sentimentos de perda de identidade são compensados pela procura ou criação de novos contextos e retóricas identitárias.” (AGIER, 2001, p.7).

a identidade social garante esse significado e, além disso, permite que se fale de um 'nós' em que o 'eu', precário e inseguro, possa se abrigar, descansar em segurança e até se livrar de suas ansiedades. [...] A identidade é percebida como segura se os poderes que a certificaram parecem prevalecer sobre 'eles' – os estranhos, os adversários, os outros hostis, construídos simultaneamente ao 'nós', no processo de auto-afirmação. (BAUMAN, 2012, p.46-47).

As intensas buscas por formas de identificação social observadas na atualidade representariam, assim - em uma resposta a estas incertezas e inseguranças -, uma procura por elementos – ou mesmo *momentos* - de estabilidade neste cenário marcado por mobilidade e inconstância. “Homens e mulheres procuram grupos aos quais possam pertencer, com certeza e para sempre, num mundo onde tudo o mais está se movendo e mudando, onde nada mais é garantido.” (BAUMAN, 2008, p.192).

No entanto, Bauman (2008) sustenta que em meio às mudanças constantes, onde tudo é fluido ou líquido e nada permanece, a estruturação de uma identidade enquanto *ponto* ou *momento* de estabilidade representaria uma redução nas possibilidades de escolha, ou seja, limitações nas oportunidades de livre mobilidade, não sendo efetivamente atraentes neste cenário.

Num mundo calidoscópico de valores embaralhados, de pistas que se movem e marcos que derretem, a liberdade de manobra atinge o nível de valor mais alto – na verdade, o *metavalor*, condição de acesso a todos os outros valores: passados, presentes e, acima de tudo, aqueles ainda por vir. A conduta racional em tal mundo exige que as opções, tantas quanto for possível, permaneçam abertas, e ganhar uma identidade que se adapte muito bem, que de uma vez por todas ofereça “igualdade” e “continuidade”, resulta na diminuição de opções ou em perdê-las de antemão. (BAUMAN, 2008, p.188).

As abordagens e concepções de Zygmunt Bauman estão, assim, profundamente marcadas por aspectos como mobilidade, fluidez, dinamismo e multiplicidade. Ao compreender as identidades como dinâmicas e fluídas, o autor sugere, inclusive, que o termo *identificação* poderia ser mais adequado às descrições e compreensões acerca do lugar da identidade no contemporâneo.

Quem sabe, em vez de falar sobre identidades, herdadas ou adquiridas, estaria mais próximo da realidade do mundo globalizado falar de *identificação*, uma

atividade que nunca termina, sempre incompleta, na qual todos nós, por necessidade ou escolha, estamos engajados. (BAUMAN, 2008, p.193).

Dessa forma, com a difusão de uma compreensão relacional das identidades, a interação passa a ser vista como aspecto intrínseco na produção da diferença cultural, e não como uma ameaça para o apagamento de fronteiras ou particularidades. Nesse sentido, destaca-se, aqui, a relevância de estudos que abordem os processos de (re)construção de discursos identitários em sua relação com a transformação cultural. Em meio a um cenário globalmente relacionável, a cultura já não pode mais ser tratada – ou sequer compreendida - de forma “localizada” (Ferguson e Gupta, 2000), confundindo os limites de grupos e culturas como naturalmente equivalentes (Hannerz, 1997).

Tal perspectiva suscita, então, a revisões de premissas e questionamentos acerca de culturas e identidades a fim de promover uma compreensão das mesmas - e de suas relações - capaz de dar conta dos funcionamentos destes processos cada vez mais intensos e presentes na contemporaneidade. Estas transformações socioculturais evidenciam, assim, demandas por problematizações dos processos e dinâmicas envolvidos na produção, reformulação - ou mesmo manutenção - de culturas e identidades.

As interações turísticas: um caminho compartilhado de investigação

Inserido em um cenário marcado pela ampliação do volume e do alcance da mobilidade, e, por conseguinte, pelo enfraquecimento da influência da localidade e das redes locais de interação, o fenômeno turístico representa uma importante dimensão da compressão do tempo-espaço na contemporaneidade. Ao contribuir para a promoção de interações, envolve questões que permeiam conceitos tais como territorialidade e pertencimento, diversidade e tolerância, identidade, patrimônio e memória.

Uma vez produto do processo histórico moderno, o Turismo se insere entre os inúmeros fenômenos sociais engendrados pela modernidade e suas tendências econômicas, políticas e culturais a transformar o mundo. [...] é, pois, a cultura viva a perambular por territórios; a interação móvel entre lugares, indivíduos e grupos sociais; ícone da modernidade em movimento. (BEDIM; DE PAULA, 2007, p.64).

Ao problematizar os contatos e trocas culturais característicos da atividade turística, Barretto (2006) salienta que, se por um lado, as facilidades de deslocamento tem ampliado o acesso aos produtos e serviços turísticos - gerando fluxos, mobilidades e interações -, por outro, a predominância do turismo de massa parece desfavorecer o intercâmbio cultural entre turistas e residentes locais. A autora descreve, assim, um amplo espectro de interações³,

variando de uma situação em que praticamente não há contato entre visitantes e visitados, a não ser com os prestadores de serviços turísticos, que é comum nas formas institucionalizadas de turismo e no turismo realizado em grandes centros urbanos e outra em que os visitantes circulam dentro das comunidades receptoras, próprio das formas não institucionalizadas de turismo e de centros urbanos pequenos ou centros não urbanos. (BARRETTO, 2006, p.15-16).

Assim como Barretto (2006), Cohen (1984, p. 379) também destaca que a efemeridade destas relações propiciaria características como a exploração e a hostilidade, já que “nenhuma das partes envolvidas se sente comprometida com as conseqüências da sua ação.” (COHEN, 1984, p. 379). Barretto (2003) explica, ainda, que o caráter de assimetria destas interações é resultado de uma distribuição desigual do deslocamento e consumo turístico, e que mesmo em países desenvolvidos, o relacionamento entre visitantes e visitados⁴ também seria predominantemente

³ Nesse sentido, resorts e cruzeiros marítimos *all inclusive*, assim como turistas que se deslocam dentro de uma espécie de isolamento da “bolha turística”, seriam exemplos do extremo de uma interação atenuada ou excessivamente mediada entre as populações locais e os visitantes.

⁴ Tomando como *visitados* especialmente a parcela da população local inserida na prestação de serviços da atividade turística, com quem os turistas têm, necessariamente, contato.

assimétrico, em razão da discrepância de motivações e posicionamentos: os primeiros estão a lazer, enquanto os segundo, a trabalho.

A autora também questiona as suposições de que as modalidades *alternativas* de turismo seriam mais favoráveis à promoção de um intercâmbio cultural entre visitantes e visitados, justificando que tal concepção dependeria da pressuposição de que o turismo acontece entre “atores equiparáveis” – hipótese largamente questionada na atualidade. Para ela, esta modalidade envolveria ainda o risco da transformação das populações nativas em uma espécie de *zoológico cultural*. (URBANOWICZ, 1989, p.113 *apud* BARRETTO, 2003, p.25).

Acredita-se que, de fato, tais interações não devam ser tomadas de maneira ingênua como simétricas, já que as diferentes motivações envolvidas nestas modalidades alternativas de turismo não anulam toda uma hierarquia global de poder (de influência)⁵. No entanto, sustenta-se aqui, que análises e investigações voltadas para este tipo de modalidade podem contribuir para avanços diversas áreas, como a própria Turismologia, as Ciências Sociais, a Psicologia Social e, até mesmo, a Geografia Humana. Ainda que não de maneira simétrica - como só pode ser considerado em uma concepção romântica do turismo – é possível afirmar que tais modalidades alternativas promovem “encontros”⁶ de caráter diferenciado entre as populações locais e os visitantes, os quais podem resultar em “tomadas de conhecimento da diferença” que devem ser devidamente problematizadas. Tais modalidades geralmente envolvem contatos menos mediados – em relação ao turismo de massa -, podendo resultar na intensificação tanto das trocas culturais quanto das tensões e conflitos envolvidos nesta atividade.

A dinâmica destas interações é, portanto, extremamente complexa e variada, demandando colaborações entre a Turismologia e outras áreas do conhecimento. Desta

⁵ Ver MASSEY, Doreen. *Um sentido global de lugar*. In: ARANTES, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

⁶ Assume-se, aqui, a concepção de encontro ou interação de Goffman (2011, p.24.): “a interação (isto é, a interação face a face) pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata.”

forma, acredita-se que estudos que abordem tais modalidades alternativas podem representar importantes oportunidades de investigação das interações face-a-face no turismo, assim como dos processos de negociação, troca e interação cultural.

Defende-se, aqui, que uma melhor compreensão destas interações poderia contribuir para a problematização de concepções que parecem oscilar entre extremos: ora vilanizando turistas e visitantes, e vitimizando populações ou comunidades locais -, ora pressupõem uma relação pacífica, naturalmente hospitaleira e semelhante à dinâmica do relacionamento entre anfitriões e hóspedes.

Em consonância com o posicionamento de Barretto (2006), entende-se que

em primeiro lugar, é preferível falar em interferências e não em impactos [do turismo]. Em segundo lugar, na atualidade a maior parte dos lugares em que o fenômeno turístico é pesquisado não é constituído por comunidades, mas por sociedades complexas, tendo em conta, também que, na atualidade, o próprio conceito de sociedade está sendo revisto face às novas mobilidades nos espaços reais e virtuais (Urry, 2000). Em terceiro lugar, muitas vezes os turistas são vítimas da população local que os enxerga apenas como sujeitos passíveis de exploração.”(BARRETTO, 2006, p.2).

Neste sentido, entende-se que este diálogo com outras áreas do conhecimento pode contribuir para uma desconstrução das leituras feitas sobre as comunidades locais envolvidas no turismo. Assim, ao invés de presumi-las como homogêneas, onde os interesses e reivindicações seriam naturalmente consensuais, através de ferramentas metodológicas e conceitos adequados, faz-se possível compreendê-las como palco de disputas e conflitos – seja por bens ou investimentos, seja por definições das memórias e identidades que prevalecem.

Além disso, ainda que a maioria dos estudos científicos sobre turismo advenha das ciências econômicas, levantamentos quantitativos e estratégias de caráter puramente mercadológico têm se mostrado fontes insuficientes de informações para a compreensão, o planejamento e gestão sustentáveis de uma atividade tão complexa. Tomando como premissa a necessidade de planejar o turismo a fim de servir, em primeiro lugar, ao desenvolvimento das localidades receptoras, destaca-se a importância da compreensão das dinâmicas socioculturais locais, a fim de conhecer as necessidades,

oportunidades e os riscos inerentes a um fenômeno de alta complexidade, responsável pelo uso e consumo do espaço e de culturas. Conforme observa Barretto (2003), o turismo estaria se configurando como um fato social total, assemelhando-se a um modelo rizomático. Para a autora,

o rizoma se adéqua à análise do fenômeno turístico porque é, em primeiro lugar, imprevisível. Nunca se sabe para onde vai se expandir, nunca se sabe quando vai ressurgir; sempre que cortamos uma parte, esta pode tornar a transformar-se numa planta. Assim, por mais que haja um bom planejamento de turismo, nunca sabemos como a sociedade vai reagir à presença dos turistas, nem como os turistas vão reagir à sociedade que os hospeda. [...]A chamada “indústria turística”, ou seja, o conjunto de equipamentos e serviços que compõem a oferta que os turistas vão consumir, é rizomática e também pouco previsível. Surgem, a cada nó do rizoma, novos negócios, novos serviços. Quanto maior a criatividade dos empreendedores, menor a previsibilidade. (BARRETTO, 2003, p. 21-22).

Dessa forma, em concordância com a autora, entende-se que tais colaborações entre as diversas áreas do conhecimento aqui citadas podem contribuir para

ajudar a entender os processos psicossociais desencadeados pelo fenômeno turístico, as expectativas, desejos, satisfações e frustrações das populações anfitriãs e dos turistas, as motivações para agir de uma ou outra maneira, a busca para além da simples viagem, a dinâmica cultural em que o turismo está inserido, a diversidade de interesses e necessidades sociais que o turismo afeta, enfim, seus dilemas e paradoxos [...]. (BARRETTO, 2003, p.26).

Considerando a relevância das discussões e investigações aqui propostas, aponta-se, por fim, as modalidades de hospedagem turística domiciliar como um exemplo de objeto empírico compartilhado por ambas as áreas do conhecimento aqui enfocadas, capaz de oferecer ricas e variadas oportunidades de observação e compreensão acerca das interações sociais no turismo. O conceito de hospedagem turística domiciliar é aqui proposto com o intuito de diferenciar as hospedagens prestadas a amigos ou parentes em ambiente domésticos e sem fins lucrativos, daquelas oferecidas à “estranhos” ou desconhecidos, mediante a realização de um pagamento, configurando, assim, uma atividade comercial.

Existentes em diversos formatos, desde pousadas domiciliares até pequenos hotéis ou estabelecimento do tipo “*bed and breakfast*”, tais modalidades de acolhimento

podem ser desempenhadas com ou sem inclusão dos serviços de alimentação, podendo o hóspede ficar alojado na própria residência ou em um espaço anexo à mesma. Claramente, o grau de interação destas relações é variável, dependendo de quão inserido este hóspede estará na dinâmica domiciliar e familiar do anfitrião.

Vários fatores corroboram a relevância deste objeto para várias áreas do conhecimento. Dentre eles é possível citar: o caráter de sustentabilidade frequentemente associado a estas modalidades de hospedagem, as possibilidades que promovem de desenvolvimento de Turismo de Base Comunitária.⁷ (TBC), as complexas tensões, motivações e dinâmicas envolvidas nestas práticas que expõem e redimensionam os sentidos de bastidor e fachada (GOFFMAN, 2011) do lar, assim como possíveis contribuições para os estudos especificamente direcionados para a temática da hospitalidade – sejam estes oriundos da Psicologia Social, da Antropologia ou mesmo da Turismologia.

Ainda neste sentido, entende-se que

a hospitalidade, por sua vez, capta o espírito da relação socialmente construída entre anfitrião e hóspede, esse (des)encontro de subjetividades a produzir interações dialógicas no plano interacional [...] transcendendo à forma com que o turista é tratado para, então, refletir a intersecção entre costumes, usos, etnias e temporalidades distintas – tanto dos visitantes quanto dos visitados. (BEDIM; DE PAULA, 2007, p.65)

Além disso, sustenta-se, ainda, que investigações que abordem o recorte microscópico das interações inseridas em hospedagens turísticas domiciliares podem contribuir especificamente para a compreensão das interações culturais em meios urbanos. Se em momentos anteriores a Antropologia esteve restrita ou profundamente associada ao estudo do “exótico” ou “primitivo”, privilegiando investigações sobre comunidades e localidades afastadas dos grandes centros, algumas transformações

⁷ Entende-se por Turismo de Base Comunitária aquele que é idealizado, planejado e gerido pela própria comunidade local, de maneira significativamente autônoma e sustentável.

paradigmáticas⁸ propiciaram o crescente fortalecimento dos estudos em Antropologia Urbana.

Além disso, as condições fornecidas pelo contexto contemporâneo - onde é possível falar em culturas como fluxos e em processos dinâmicos de identificação - tornam cada vez mais difusas as separações entre comunidades e visitantes, refletindo, também, transformações nas narrativas etnográficas, de uma maneira geral. Dessa forma, em consonância com o posicionamento de Agier (2001, p.9), entende-se que

os meios urbanos podem ser fatores de encadeamento ou reforço dos processos identitários. A cidade multiplica os encontros de indivíduos que trazem consigo seus pertencimentos étnicos, suas origens regionais ou suas redes de relações familiares ou extrafamiliares. Na cidade, mais que em outra parte, desenvolvem-se, na prática, os relacionamentos entre identidades, e na teoria, a dimensão relacional da identidade. Por sua vez, esses relacionamentos “trabalham” alterando ou modificando, os referentes dos pertencimentos originais [...].

Acredita-se, portanto, que tal recorte de interações sociais no cenário turístico pode contribuir significativamente para a compreensão de processos de (re) construção de identidades e, conseqüentemente, de acionamentos e transformações culturais. Entende-se, assim, que o enfoque sobre as interações enquanto “produtoras” dos processos de modificação identitários e culturais pode contribuir para a problematização de compreensões caricatas ou extremistas do fenômeno turístico e dos diversos atores nele inseridos.

Assim, diante deste cenário contemporâneo marcado pela mobilidade, onde são difundidas as compreensões de culturas como fluxos e identidades como processos dinâmicos, sustenta-se que análises que enfoquem uma antropologia urbana do turismo podem contribuir para o desenvolvimento de uma antropologia transnacional das identidades. Através de investigações das interações face a face envolvidas nesta

⁸ Magnani (1996, p.2-5) explica que ainda que ao longo de seu desenvolvimento a antropologia nunca tenha abandonado sua preocupação fundante com compreensão da diversidade cultural, “[...] deixando de associar o *diferente* com o *atrasado*, [esta disciplina] desvinculou-se da ideia de que seu *objeto* era constituído [e restrito aos] pelos povos considerados ‘primitivos’.”

atividade, a compreensão dos processos em si pode ser privilegiada em virtude da compreensão limitada das “substâncias culturais”. Como indica Agier (2001),

a atenção principal do observador deve se colocar antes sobre as interações e as situações reais nas quais os atores se engajam, do que nas representações formuladas *a priori* das culturas, tradições ou figuras ancestrais em nome das quais se supõe que eles agem. É a partir dos contextos e das questões em jogo nas situações de interação que a memória é solicitada seletivamente. (AGIER, 2001, p.12).

Entende-se, assim, que o diálogo aqui proposto entre as Ciências Sociais e a Turismologia constitui mais do que sugestões de possíveis contribuições da primeira área para a segunda, mas, na realidade, apontamentos sobre possibilidades e necessidades de colaboração entre estas duas áreas do conhecimento, em busca de compreensões holísticas acerca de fenômenos e cenários cada vez mais complexos e intrigantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão proposta, sustentou-se que as abordagens processuais da identidade aqui apresentadas contribuem para a ruptura de concepções localizadas da cultura, as quais, ainda hoje, tomam-na como elemento essencial de grupos ou localidades. Como observa Agier (2001, p.12),

O estudo da relação identidade/cultura, quando distingue na análise, sem os separar, os determinantes sociológicos da identificação e o “trabalho” de criação cultural, permite recolocar em questão a ilusão de uma transparência, isto é, o *a priori* de um *continuum* natural entre uma cultura, uma sociedade, um espaço e um indivíduo tal como foi desenvolvido por um certo modelo holista da identidade na etnologia tradicional.

Neste sentido, se para a Turismologia, investigações de caráter puramente mercadológico têm se demonstrado insuficientes para planejamentos e gestão sustentáveis, para a Antropologia, este fenômeno representa uma significativa dimensão

da compressão do tempo espaço, configurando um importante campo de análise na busca pela compreensão das dinâmicas socioculturais contemporâneas.

Em tempo de globalização, o que é certo é que a indústria do turismo é responsável por criar maneiras de transformar, circular e consumir localidades, criando uma cultura material e uma “economia de sensações” que lhe é específica. O Turismo precisa, portanto, ser entendido como um processo social capaz de engendrar formas de sociabilidade que produzem efeitos ainda por conhecer. (FREIRE-MEDEIROS, 2006, p.2).

Além disso, a própria atividade turística envolve tensões e disputas variadas. Quais locais serão beneficiados com investimentos nos planejamentos de políticas públicas, que características culturais prevalecerão na constituição dos produtos turísticos e que grupos serão beneficiados com tais decisões: são todos aspectos que influenciam as motivações e (re)constituições de identidades, demandando, assim, colaborações criativas entre a Turismologia e a área de Ciências Sociais.

Por fim, sustenta-se, que a tomada das hospedagens turísticas domiciliares (e das relações de acolhimento nela implicadas) como objeto de pesquisa favorece a observação das interações face a face como caminho para a compreensão da “fabricação sociológica da cultura”, e não somente de seus “produtos imaginários acabados”. (AGIER, *ibid.*, p.20). Assim, um enfoque sobre as interações enquanto “produtoras” dos processos de transformação identitários e culturais pode contribuir para a problematização de compreensões caricatas ou extremistas das relações estabelecidas nas práticas turísticas.

Fica clara, portanto, a relevância de investigações que busquem uma compreensão mais aprofundada acerca das influências do turismo na formação (e reformulação) de processos identitários. A interação com o outro, em especial com o estrangeiro, com o diferente, promove processos de (auto) validação que interferem na imagem tomada e passada de si mesmo. A viagem, não é um mero deslocamento no espaço físico: é uma tomada de conhecimento do diferente que pode gerar processos de negociação, *tradução* ou afirmação de determinadas características. “Trata-se de uma aprendizagem relacional em que a transação cultural com o outro permite estabelecer uma melhor definição de si e reforçar o sentimento de pertencimento ao seu próprio grupo.” (CARNEIRO; FREIRE-MEDEIROS, 2004, p. 105).

REFERÊNCIAS:

AGIER, Michel. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. MANA 7 (2): 7-33, 2001.

BAUMAN, Zigmund. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Identidade no mundo globalizante*. In: A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2008.

BARRETTO, Margarita. *Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos*. Turismo em Análise, São Paulo, v.15, n.2, p.133-149, nov.2004.

_____. *O imprescindível aporte das Ciências Sociais para o planejamento e desenvolvimento do Turismo*. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29: 2003.

BARTH, Fredrik. *Os grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CARNEIRO, Sandra de Sá.; FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *Antropologia, religião e turismo: múltiplas interfaces*. Religião & sociedade, Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião (ISER), vol.24, n.2, 2004.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FERGUSON, James; GUPTA, Akhil. *Mais além da cultura: espaço, identidade e diferença*. In: ARANTES, Antônio (Org.). O espaço da diferença. Campinas, SP: Papirus, 2000.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 8.ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1999.

HANNERZ, Ulf. *Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras-chave da Antropologia Transnacional*. MANA 3 (1): 7-39, 1997.

MAGNANI, José Guilherme C. *Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole*. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). Na metrópole - Textos de Antropologia Urbana. São Paulo, EDUSP: 1996.

MASSEY, Doreen. *Um sentido global de lugar*. In: ARANTES, Antônio (Org.). O espaço da diferença. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

SIQUEIRA BUENO, Marielys; ROLFSEN SALLES, Maria do Rosário; BASTOS, Sênia. *Hospitalidade: Trajetórias e Possibilidades*. Contribuciones a las Ciencias Sociales, jul.2010.